

O INQUÉRITO SOBRE O SACI PERERÊ: UM LOBATO MÚLTIPLO

Amaya Obata Mouriño de Almeida Prado (UFMS/CPTL)¹

Resumo: O “Inquérito sobre o saci” foi uma pesquisa de opinião promovida por Monteiro Lobato (1882-1948) no jornal “Estadinho” entre os dias 27 de janeiro e 06 de março de 1917. No ano seguinte foi lançado o livro *O Saci Pererê*: resultado de um inquérito, apresentando não só os depoimentos, mas também outros textos, imagens e anúncios. Operando a partir da investigação de fontes primárias e de pesquisas bibliográficas, nosso objetivo neste trabalho é apontar a pluralidade de motivações das quais partiu Lobato para compor, nesta sua primeira publicação, um projeto amplo que mescla seus interesses como jornalista, crítico de arte, editor, escritor e publicitário.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Saci Pererê; Inquérito; Folclore; Edição.

Considerações preliminares

No início de 1917, Lobato fazia parte de um grupo de intelectuais atuantes na esfera cultural do país, de ideologia marcadamente nacionalista e cuja preocupação era estimular estudos sobre a realidade brasileira com o objetivo de construir uma identidade própria. Os interesses voltavam-se para as questões de cunho local e para a identificação de manifestações culturais próprias. Em São Paulo, o caipira passou a ser o tipo preferido, alçado à categoria de personagem central nas obras de alguns escritores como, por exemplo, em *Os Caboclos* (1920), de Valdomiro Silveira (1873-1941); *Conversas ao pé do fogo* (1921), de Cornélio Pires (1884-1958) ou *Sertão* (1896), de Coelho Neto (1864-1934). Vale lembrar que são desta época os estudos filológicos de Amadeu Amaral (1875-1929), registrados na obra *O dialeto Caipira* (1920).

Outro tema de interesse foi o folclore e, pelas mãos de Lobato, a figura do Saci Pererê ganhou destaque. Os estudos sobre etnografia eram incipientes e não gozavam de prestígio. Ainda assim, esse contexto não impedia comentários esparsos atestados pelos próprios depoimentos do inquérito lobatiano, quando apontam os nomes de alguns estudiosos que se aventuraram por tais temas. Sem pretensão de exaustividade, citamos alguns: Emilio Goeldi (1859-1917), autor de *As Aves do Brasil* (1894), que dedica um parágrafo à descrição de uma ave com tal nome; General Couto de Magalhães (1836-1898), autor de *O Selvagem* (1876), obra na qual o Saci é descrito como lenda indígena mesclada com superstições cristãs (COUTO DE MAGALHÃES, 1935, p. 170); Melo Morais Filho (1844-1919), autor de *Festas e tradições populares do Brasil* (1901);

¹ Doutora em Letras (DINTER Mackenzie/UFMS), docente na UFMS/CPTL, na área de Literatura. Contato: amaya.prado@gmail.com.

Silvio Romero (1851-1914) com *Contos populares do Brasil* (1887); Edmundo Krug (?) que descreve o “Sassi” em uma conferência proferida na Sociedade Científica de São Paulo em 1909 e publicada na *Revista da Sociedade Científica de S. Paulo* (vol. V, janeiro 1910).

Lobato, que atuava até então como crítico de arte escrevendo artigos em periódicos, propõe, já em 1916, quando publica o texto “A poesia de Ricardo Gonçalves” na *Revista do Brasil*, a substituição de ícones europeus por figuras de nossa tradição folclórica: “Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germânicos [...] porque tais nibelungices, mudas à nossa alma, e não sacis-pererês, caiporas, mães d’água e mais duendes criados pela imaginação do povo?” (LOBATO, 1916, p. 299). É, portanto, de uma inquietação estética que surge a ideia de explorar mais a fundo a lenda brasileira do Saci Pererê.

A proposta inaugural é uma pesquisa de opinião no jornal *Estadinho*². Em seguida abre um “Concurso de pintura e escultura”, resultante do interesse que o inquérito havia despertado. Como consequência do sucesso destas primeiras ações, o crítico se lança em sua primeira aventura editorial, a publicação de *O Saci Pererê: resultado de um inquérito (OSPRI)*, livro que teve duas edições esgotadas em menos de um ano, com uma tiragem de 7.300 exemplares (Lobato, 1944, p. 371; Cavalheiro, 1955, p. 192). Por fim, o lendário saci entra definitivamente para o imaginário brasileiro quando é editada, em 1921, a obra *O Saci*, dirigida ao público infantil.

Estas ações revelam um Lobato múltiplo, que articula várias ações em torno de um projeto, revelando suas qualidades como jornalista, crítico de arte, editor, escritor e publicitário.

Nas primeiras publicações, o crítico de arte

Uma das primeiras menções ao duende é feita em um anúncio de *OESP*, a 14 de agosto 1914, que faz o registro de uma peça teatral (barleta) em três atos encenada em São Paulo, composta por Eduardo Leite e Luís Correia, como indica Lajolo (2014, p. 28). Em seguida a

² Em 1915, segundo informa o acervo histórico do próprio jornal, “*O Estado* lança a *Edição da Noite* para publicar principalmente notícias da Primeira Guerra, que circulou até 1921 e ficou conhecida como *Estadinho*, um jornal irrequieto e às vezes irreverente, em comparação com o *Estadão*, como era chamada a edição da manhã.” Disponível em: http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtm Acesso em 18/02/15.

pesquisadora menciona uma carta de Lobato enviada à sua irmã Teca, desde a Fazenda Buquira, em 1915, na qual agradece o envio de uma partitura da música “O Sacy”. A carta refere-se a um “tanguinho” de autoria de Marcelo Tupinambá e José Eloy, cuja letra foi publicada no inquérito do *Estadinho*, em 24/02/1917 e também nas páginas do *Estadão*, com anúncio da venda da partitura em pelo menos dois endereços.

A partir da consulta ao acervo do *Estadinho* e do resgate dos depoimentos, é possível acrescentar a esta lista o artigo “O sacy”, assinado por Lobato, veiculado no dia 24 de janeiro de 1917 e que será publicado mais uma vez apenas, no livro que reúne as contribuições dos leitores no início de 1918 (LOBATO, 2008, p. 31-35). Vejamos alguns fragmentos dos textos:

| Data | Veículo | Título/gênero/referência | Fragmento do texto |
|--------------------|------------------------------|--|---|
| 1915 | Cartas escolhidas | Carta à irmã Teca | “Recebemos as músicas. O Sacy e as outras. Purezinha agradece a lembrança.” |
| Set/dez de 1916 | <i>Revista do Brasil</i> | “A poesia de Ricardo Gonçalves” – artigo (LOBATO, 1916, p. 299) | “Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germanicos [...] porque taes nibelungices, mudas á nossa alma, e não <i>sacys-cererês</i> , caiporas, mães d’água e mais duendes creados pela imaginação do povo?” |
| 06/01/1917 | <i>Estadão</i> | “A criação do estylo” artigo (LOBATO, 1920, p. 50) | “No entanto, para animar os gramados do jardim da Luz, importamos niebelungos alemães, <i>sacys...</i> do Rheno!” |
| 10/01/1917 | <i>A Barca de Gleyre</i> | Carta (LOBATO, 1945, p. 344) | “Minha ideia é de que se trata de um moleque pretinho de uma perna só. [...] segundo ouvi das negras da fazenda de meu pai, é que o <i>saci</i> tem olhos vermelhos, como o dos beberrões; e que faz mais molecagens do que maldades; monta e dispara os cavalos á noite; chupa-lhes o sangue e embaraça-lhes a crina.” |
| 24/01/1917 | <i>Estadinho</i> | “O Sacy” – artigo (<i>ESTADINHO</i> , 592, 24/01/1917, 3:1; LOBATO, 2008, p. 33) | “[...] o <i>Sacy</i> é um molecote damninho, cabrinha malvado, amigo de montar em pêllo nos “alimaes” soltos no pasto, e sugar-lhes o sangue enquanto os pobres bichos se exhaurem em correria desapoderada, ás tontas, loucos de pavor. E que em dias de vento elle passa pinoteando nos remoinhos de poeira. E que nessa occasião basta lançar no turbilhão um rosario de caiapiá para tel-o captivo e a seu serviço como um criadinho invisivel. |

Os três primeiros apenas citam o saci, mas já sugerem o desejo lobatiano de que este ente mitológico substitua os anõezinhos que decoram jardins brasileiros. O quarto fragmento esboça o primeiro retrato do duende a partir das reminiscências do autor. É então que “se delineiam as linhas gerais do inquérito” e que se “antecipa e resume, no atacado, aparência, predicados, comportamentos e circulação do saci [...]” (LAJOLO 2014, p. 30). O último, em artigo do *Estadinho*, acrescenta alguns dados à imagem do saci, relativos ao seu comportamento e seu ponto de fragilidade, além de características psicológicas.

A características acrescentadas no último texto parecem ter sido fruto das conversas que resultaram da leitura dos artigos publicados na *Revista do Brasil* e no

Estadão nos primeiros dias de janeiro. O debate foi tomando vulto e estimulando trocas de informações, o que parece ter resultado em uma caracterização não muito precisa do saci, com indícios de que a pesquisa poderia render mais frutos. A perspectiva do crítico de arte fica bem clara por ocasião da edição do inquerito em livro, quando, nos textos que antecedem os depoimentos, Lobato retoma o teor de seus artigos anteriores acrescentando uma pitada de sarcasmo. Vale a pena a transcrição da anedota, uma vez que, ainda que um pouco extensa e bastante citada, evidencia a contundência da crítica:

Um sujeitinho bilioso, recém-chegado da *selva selvaggia* do Buquira, em passeio com um amigo pelo Jardim da Luz, parou diante dos anões de gorra, barbaudos, entrajados à alemã, que por lá quebram a monotonia dos relvados. E disse filosoficamente:

_ Como berra esta nota nibelúngica neste pastinho de grama, entre jerivás e jiçaras! E como um fato insignificante destes demonstra a nossa profunda covardia estética!

- Querias então ...

- ... que estivesse aqui um saci, por exemplo, um curupira, um papagaio, um macaco, uma preguiça, um tico-tico, um coronel – qualquer bicho enfim que não desafinasse com o ambiente, como desafina esse anão do Reno que treme de frio sob pesadas lãs enquanto os sorveteiros apregoam a dois passos daqui as suas neves açucaradas. (LOBATO, 2008, p. 29)

Este texto reforça a hipótese de que a presença dos anões tem seu fundamento na preocupação com a construção de um projeto estético para o país. A diferença é que, depois do inquerito, estabelecida a identidade do saci, torna-se mais evidente a contradição e polarização entre os anões europeus e os duendes nacionais, entre o francesismo e o nacionalismo. O protesto de Lobato vai progressivamente subindo de tom, aumentando a tensão. As imagens construídas através de expressões como “sujeitinho bilioso”, “berra”, “covardia estética” e “desafinasse” intensificam o tom de protesto.

Outra ação concreta de defesa desse ideal lobatiano foi o Concurso de Pinturas e Esculturas com o tema do Saci, ocorrido em outubro de 1917. O artigo “O Sacy” (LOBATO, 2008, p.34) sugere o aproveitamento do duende como tema para as artes plásticas, ao considerar que: “[...] nenhuma tentativa inda foi feita para fixal-o na tēla ou no barro”. Em outro artigo sobre o assunto, veiculado pelo *Estadão* em 05/02/17, à p. 3, col. 5, lê-se: “O inquerito continua aberto e breve será feito um concurso entre desenhistas e escultores com premios ás melhores representações do moleque demoniaco. Entrará elle, assim, definitivamente, para o seio da arte.” Em 03/04/17, (p.

4, col. 7) um artigo anuncia a prorrogação das inscrições do concurso por mais uma semana, listando uma escultura e sete pinturas concorrentes, com indicação de autoria e breves comentários elogiosos. A abertura da exposição foi noticiada em 18/10/17 no *Estadão*. No nº 22 da *RB*, de novembro de 1917, Lobato publicou um artigo no qual analisa detalhadamente o evento e reproduz as imagens de algumas das obras expostas. Outra notícia do jornal diurno, de 02/02/1919, p. 4, col. 5, coluna “Notícias do Interior”, informa que quatro das telas sobre o saci foram expostas numa mostra em Campinas, SP.

No Inquérito, o jornalista

Inquérito ou enquete foram os nomes do método comumente utilizado por jornais e revistas na transição entre os séculos XIX e XX, para investigar as opiniões dos leitores sobre os mais diversos assuntos, entre eles a literatura.

A imprensa passa por significativas transformações, tanto em relação ao modo de produção, com a industrialização e as inovações dos meios de comunicação, como ao conteúdo, cada vez mais diversificado:

Sem perder o caráter opinativo, os jornais passaram a incorporar outros gêneros, como reportagens, entrevistas, crônicas e **inquéritos literários**. Surgiram seções especializadas, dedicadas ao público feminino, esportes, assuntos policiais, lazer, crítica literária. Ao lado das tradicionais caricatura, ilustrações e charge, generalizou-se a utilização da fotografia, que substituiu a lito e a xilogravura.

A publicidade, principal fonte de renda dos periódicos, também modernizou-se. Data dos anos 10 o surgimento das primeiras agências, que não só acabariam substituindo a figura do agenciador individual como seriam responsáveis por alterações marcantes, no que respeita aos recursos, estrutura e linguagem dos anúncios. (DE LUCA, 1999, p.36) (grifo nosso)

Como se depreende destas reflexões, naquele período do entre séculos o inquérito foi um dos novos gêneros incorporados aos jornais e revistas. Apenas a título de exemplo, observa-se que, em carta de 1915 a Rangel, Lobato comenta a participação em uma “enquete sobre Fradique Mendes do Eça” na revista *O Pirralho* (LOBATO, 1944, p.274).

Nesta época Lobato já havia se tornado um “sapo da redação”, como eram chamados os colaboradores do jornal *OESP*, “que compareciam à redação quase todas as noites e lá ficavam até alta madrugada” (AZEVEDO, CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 102). O jornal *Estadão* e a *Revista do Brasil* são seus primeiros campos de

atuação. Consciente do alcance dos periódicos, depois de publicar vários artigos polêmicos, lança mão do método do inquérito, justificando sua escolha no prefácio do livro com as seguintes palavras:

Para ventilar uma criação puramente subjetiva como esta do Saci, a forma de inquérito é a mais razoável. Evita que um só sujeito tome conta ao assunto e imponha maçadoramente a sua ideia em estiradas considerações eruditas, [...] Assim, em inquérito, todos falam, o estilo varia, o pitoresco aumenta; e concorrem sobretudo os não-profissionais das letras. (LOBATO, 2008, p.25)

Acreditamos que repousa nesta postura inicial uma das razões da boa vendagem da primeira edição, atestada pelo próprio editor quando informa em carta de 08/07/1918 ao amigo Rangel que está apenas com um quarto da segunda edição (LOBATO, 1944, p. 375). Considerando que o livro foi lançado no início do mesmo ano com uma tiragem de 2.000 exemplares (LOBATO, 1944, p. 371) e que a segunda edição saiu apenas dois meses depois (CAVALHEIRO, 1955, p. 191), é possível comprovar a sua boa aceitação.

A análise dos depoimentos publicados no jornal permitiu identificar o emprego, por parte do editor, de recursos que consideramos como “vestígios do primeiro trabalho de edição”, que se revelam a partir das paráfrases, seja de depoimentos inteiros, seja de fragmentos deles, permitindo supor a existência de um texto anterior - as cartas dos leitores-, “traduzidas” pelo editor para a publicação no jornal. Os momentos parafrazeados parecem ser aqueles em que o depoente se alonga em “eruditas considerações”, ou tenta reproduzir fielmente o dialeto caipira, no sentido de facilitar a leitura.

Também foram identificadas, nas entrelinhas dessas paráfrases, outras interferências da voz do editor que dão um toque de ironia e sarcasmo ao texto, como se ele estivesse a comentar o que foi dito pelo depoente a partir de sua própria perspectiva, conversando com o leitor e, em última instância, mediando a leitura dos depoimentos. No jornal, as interferências vão diminuindo a cada número, o que sugere que o ritmo acelerado da publicação do inquérito não permitia que todos os textos passassem por uma apreciação, já que os parágrafos introdutórios com comentários irônicos foram sendo reduzidos com o passar do tempo. Com o intuito de exemplificar estas interferências, apresentamos o quadro a seguir:

| Natureza da interferência | Nº dep. | Parágrafo de introdução |
|---------------------------|---------|---|
| Ironia | 05 | Da sua impressão em dialecto caipira o sr. Mané das Barroca. Vê –se que o homem nunca foi Mané. É homem da cidade e escovadissimo, mas que sabe apanhar ao vivo o tom dialectal e é observador: [...] |
| Elogios | 20 | De Bello Horizonte o sr. Guilherme Lund Netto envia um precioso e erudito depoimento: [...] |
| Pistas sobre autoria | 80 | Do velho e conceituado jornalista aposentado – “Luigi Cappalunga”, muito conhecido pelas suas celebres “Cartas do u’Buô Rittiro”, - recebemos a seguinte contribuição[...] |
| Opinião | 13 | No S. Paulo antigo houve tanto Sacy como pelo sertão. Está aqui o sr. Miguel Milano, legionário em menino, duma famosa “saparia” do Piques, que o documenta: [...] |

Neste sentido, a atuação de Lobato como jornalista e como editor parecem caminhar juntas. Tanto que suas primeiras aventuras como editor de si mesmo reúnem em livro os artigos antes publicados em periódicos, como é o caso de *SPRI* e *Urupês* ambos publicados há exatos 100 anos.

O Inquérito em livro: estreia do editor

A primeira menção ao projeto de transformar o inquérito das páginas do *Estadinho* em um livro aparece já no início da enquete, paralelamente à publicação dos depoimentos, no artigo “O Saci”, veiculado pelo *Estadão* no dia 05 de fevereiro de 1917. Tal artigo apareceu impresso pela segunda vez no livro *OSPRI* em 1918, com o título de “Interregno” e pela terceira vez em *Ideias de Jeca Tatu*, sendo mantido nesta obra desde sua primeira edição, em 1919.

Este texto configura-se como um dos primeiros balanços das diligências preliminares da investigação, funcionando como uma espécie de resumo das principais características do assunto investigado, acrescido da indicação de possíveis projetos futuros, que seriam o concurso de pintura e a edição em suporte mais perene.

Lobato aproveita o ensejo e, apoiando-se em dupla perspectiva, ou, para recuperar uma metáfora lobatiana, utilizando-se do “olhar utilitário” sempre acompanhado do “olhar estético” (LOBATO, 1944, p. 217), num lance que revela sua

face mais pragmática, termina o artigo fazendo a propaganda do livro que pretende editar, contendo a reunião dos depoimentos. Seria esta a primeira menção pública à iniciativa de edição do inquérito em outro suporte.

Em carta de 10 de maio, Lobato compartilha com o amigo Godofredo Rangel o projeto que se inicia: “Também preparo para o chumbo o ‘Inquérito do Saci’, que fiz no *Estadinho*.” (LOBATO, 1944, p. 350). Quatro meses depois, em 24 de setembro, a ideia retorna: “Para fazer alguma coisa, resolvi tornar-me editor. Começo publicando os contos do Valdomiro Silveira, outros do Agenor e o *Saci-Pererê*.” (LOBATO, 1944, p. 359). Mais dois meses se passam e o projeto se concretiza, sendo anunciado para o correspondente em primeira mão, em carta datada de 04 de novembro: “O Saci está no prelo. Depois, Ricardo! [...] está pronto, isto é, composto; falta só a impressão.” (LOBATO, 1944, p. 366).

Na composição do livro, o aspecto da duplicidade, que contribui para o estabelecimento do caráter contraditório de Lobato, inscreve-se como um dos elementos constitutivos da obra, manifestando-se já na duplicação do suporte – jornal e livro – e atingindo níveis cada vez mais profundos por meio das variadas polarizações sugeridas. É possível identificar, em meio aos textos, oposições como escritor e editor, culto e popular, formal e coloquial, profissional e não profissional (das Letras), realidade e fantasia, urbano e rural, imitação e originalidade, estrangeiro e nacional, nacionalismo e francofilia. Toda a obra é, portanto, permeada pelo caráter duplo, tanto de Lobato quanto de seus textos.

O livro *O Saci Pererê*: resultado de um inquérito, não é simplesmente uma reunião de depoimentos. É um conjunto coeso, que apresenta uma pesquisa, desde sua motivação inicial, a justificativa do método escolhido, a história de sua execução e a reflexão sobre os resultados finais. Tais delimitações definem a estrutura de sua apresentação, que conta com elementos pré e pós textuais, para além dos depoimentos.

Ao levar os depoimentos do jornal para o livro, as interferências se deram, para além das paráfrases (totais ou parciais), pela mobilização dos recursos de acréscimo e de supressão de depoimentos inteiros, trechos deles, ou de parágrafos de apresentação e de conclusão, de autoria tanto do depoente quanto do editor.

As supressões atingiram poesias inteiras, a princípio com a intenção de seguir a orientação de “desliteraturizar” a obra. No entanto, uma leitura mais atenta e a

observação de dados de autoria sugerem a existência de outra preocupação, relativa ao respeito pelos direitos autorais. Lobato muitas vezes eliminou os comentários demasiadamente elogiosos, as expressões de apresentação e despedida, assim como as sugestões para outros inquéritos, além de trechos de depoimentos que revelavam posturas muito negativas em relação ao folclore, ou que desprezavam as “crendices populares”, de modo a priorizar as histórias apresentadas pelos depoentes.

Ao transpor os depoimentos do jornal para o livro, Lobato articula dois principais recursos, a polarização e a ironia, transformando-os em fios condutores cuja função é dar coesão ao trabalho. Os comentários irônicos, se no jornal apareciam nas entrelinhas, tímidos, vão ganhando intensidade nas páginas do livro, através da adição de alguns comentários nos parágrafos introdutórios. Entretanto, é nos textos elaborados pelo editor com função de emoldurar os depoimentos que a ironia atinge seu grau máximo, elevada ao nível de elemento constitutivo e estruturante do trabalho.

É por meio do riso sarcástico que se opera a desconstrução de uma ideologia segundo a qual o brasileiro, para ser considerado civilizado, deveria copiar os modelos europeus em tudo, sem levar em conta a inadequação do transplante cultural. Ao rebaixar essa atitude, Lobato eleva o posicionamento contrário, de valorização do que é genuinamente local e caracterizador do povo brasileiro, mesmo que para isso seja necessário eleger o Saci ou o Jeca Tatu como símbolo de brasilidade.

Ironia e polarização andam juntas e são indissolúveis, desde a dedicatória até o epílogo, caracterizando as imagens problematizadoras: culto e inculto, erudito e popular, cidade de campo, estendendo-se a todos os elementos possíveis, tais como vestuário, bebidas, política, paisagens, ambientes. Tais recursos sustentam também a estrutura dos textos que circundam os depoimentos, que vão se construindo como uma narrativa, pela ficcionalização do percurso histórico do livro.

Prólogo e Epílogo: editor/autor/narrador/personagem

A “ficcionalização do percurso histórico do livro” revela-se uma estratégia interessante. Todo o livro é conduzido por uma voz que ao modo de um narrador apresenta, desde o início, mas sem situar claramente as ações no tempo, a motivação, as discussões, o contexto e o desenrolar dos depoimentos do inquérito. Ela se contrapõe a outra voz trazida para o livro pelo recurso das citações e deste modo vemos o narrador

da história do inquérito citando o jornalista que o promoveu. Nas instâncias do prefácio e do posfácio revelam-se mais explicitamente os dois Lobatos: o que escreve o livro e o que escreveu artigos, um dos aspectos da polaridade que parece permear toda a obra.

Este Lobato narrador descreve em poucos parágrafos, com o tempero da ironia, a cena que já vai tomando ares de clássica, na qual o Lobato articulista e crítico de arte, transformado em personagem em *OSPRI*, protesta contra os anões de feições europeias que “enfeitam” o Jardim da Luz, em São Paulo.

As duas vozes se caracterizam por certo distanciamento no início do livro, mas ao final se mostram unidas e coerentes com a defesa de um ideal nacionalista, atuando efetivamente para a construção de uma imagem verossímil para o Brasil. Este recurso revela um trabalho de dupla natureza, transitando entre edição e autoria, confundindo os limites que parecem existir, a princípio, mas que afinal se diluem. Destaca-se novamente que Lobato propõe uma dessas vozes como uma instância narrativa, ou seja, identifica-se a presença de um narrador que conta, desde seu ponto de vista, a história do inquérito. É então que vemos o Lobato editor comentar com ironia algumas frases do Lobato articulista, que por sua vez é transformado em personagem passível de crítica, o que resulta na desconstrução de si próprio: “Um sujeitinho bilioso, recém chegado da *selva selvaggia* do Buquira” (LOBATO, 2008, p.29). Além disso, esse narrador seleciona, comenta, critica e unifica a pluralidade de vozes dos depoimentos, resultando no efeito de conduzir e gerenciar a leitura.

Para não bichar nas estantes: o publicitário

A pesquisa de Lobato parece, a princípio, objetivar apenas a compilação de dados sobre a lenda do saci, consultando a opinião de uma comunidade relativamente extensa, a de leitores do jornal *OESP*. Entretanto, o autor revela desde cedo ter consciência da importância deste periódico e da amplitude de seu alcance em termos de divulgação de informações e opiniões. Em 1915 o número de leitores estimado por ele baseava-se nos seguintes termos:

Escrevendo no *Estado*, consigo um corpo de 80 mil leitores, dada a circulação de 40 mil do jornal e atribuindo a média de 2 leitores por exemplar. Ora, se me introduzir num jornal do Rio de tiragem equivalente, já consigo dobrar o meu eleitorado. Ser lido por 200 mil pessoas é ir gravando o nome - e isso ajuda. [...] Para quem pretende vir com livro, a exposição periodica do nomezinho equivale aos bons anuncios das casas de comercio - e em vez de pagarmos aos jornais

pela publicação dos nossos anuncios, eles nos pagam – ou prometem pagar. (carta a Rangel, em 12/02/1915) (LOBATO, 1944, p. 266)

Nota-se aí o aguçado tino comercial e a consciência da importância da propaganda e promoção do nome ou marca, traços distintivos e base de seu sucesso como editor. Esta postura estende-se ao objeto livro, cujo lançamento foi cercado de uma interessante campanha de divulgação.

Em 28 de novembro de 1917, na edição do *Estadinho*, à última página, de número 8, na quarta coluna, aparece pela primeira vez o seguinte anúncio, cujo tom panfletário se constrói a partir do emprego do superlativo e da menção às ilustrações:



Anúncio de OSPRI - *Estadinho*, 28/11/1917, p. 08, col. 04 (PRADO, 2016, p. 64)

Pouco tempo depois, a 17 de dezembro, é a vez de a edição diurna anunciar o livro, utilizando o mesmo clichê impresso na versão vespertina (*Estadão*, 17/12/1917, p. 11 col. 09):



Anúncio OSPRI no *Estadão* (PRADO, 2016, p. 65)

As imagens dos clichês do *Estadinho* diferem um pouco daquelas publicadas no *Estadão*, mas o texto é exatamente o mesmo, qualificando o trabalho como “interessantíssimo” e chamando a atenção para a presença de ilustrações e para o valor dos ilustradores. Sem dúvida configura-se nessas publicações a linguagem de uma campanha publicitária. As edições de 1918, de ambas as versões do jornal, já não trazem mais anúncios do livro e o assunto do inquérito igualmente desaparece.

O periódico *Revista do Brasil*, por sua vez, nas páginas do volume VI, de dezembro de 1917, trazem, na seção “Livros Novos” dedicada ao anúncio dos lançamentos editoriais, uma versão ligeiramente diferente daqueles mostrados acima, relativos à primeira edição de *OSPRI* (BIGNOTTO, 2007, p. 196):



Anúncio *OSPRI - RB*, dez./1917, vol. VI, no 24, Seção “Livros Novos”, p. 571 (PRADO, 2016, p. 64)

A compilação destes anúncios sugere que Lobato está atento às reações do público e preocupa-se com a recepção. Por outro lado, a divulgação do livro através da publicação de anúncios configura uma estratégia que vai colaborar para a consolidação do sucesso do editor ao longo de sua carreira.

Além de cuidar da divulgação de *OSPRI*, outro recurso a chamar a atenção no livro é a série de anúncios de estabelecimentos comerciais estrategicamente inseridos em suas primeiras e últimas páginas. Elaborados por Voltolino, todos eles trazem a imagem do saci como garoto propaganda. Vê-se, portanto, que Lobato procura incorporar as técnicas do *marketing* ao universo editorial.

A postura lobatiana diante do “negócio dos livros”, por ele próprio considerado como empreendimento comercial de um “negociante matriculado” (LOBATO, 1944, p. 366), configurou-se como traço distintivo e marcante em sua atuação como editor, desde seu primeiro trabalho.

Este recurso mercadológico evidencia que o editor não apenas organiza e compõe a obra por uma perspectiva estética, mas assegura-se de que ela tenha, sob o aspecto utilitário, penetração junto a um público o mais amplo possível, de tal modo que “corra o país”, sem “bichar nas estantes”, roído pelas traças (LOBATO, 2008, p. 368).

Considerações finais

O projeto do “Inquérito sobre o Saci” revela-se como um manifesto, uma proposta de atuação estética, na qual Lobato mobiliza todos os recursos que tem à disposição, multiplicando-se ao acionar variadas habilidades. Ao longo de sua execução podemos identificar atuações do intelectual, do crítico de arte, do jornalista, do editor, do publicitário e também de um curioso personagem, ironicamente rebaixado pelo narrador. Forjado com a ferramenta da ironia e com acréscimo de ácido fórmico à tinta, o inquérito reveste-se de um tom combativo e então Lobato se impõe de modo a escandalizar e assim chamar a atenção para si, com o objetivo de se fazer conhecido, em clara atitude de autopromoção.

Levar a sério o Saci, uma lenda desprezada pelos intelectuais da época do inquérito e até por muitos depoentes, considerada como simples credence e superstição é uma atitude irreverente e de resistência contra a imitação de modelos, contra a falta de dicção própria, ainda que o resultado fosse uma arte com sotaque caipira. A irreverência, a zombaria e a gaiatice, do mesmo modo que a pesquisa das origens, dos dados folclóricos, são características presentes em *OSPRI* que sugerem jogo lúdico e proposta temática ao sabor das vanguardas do início do século XX.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, C. L. et al. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Editora SENAC – São Paulo, 1997.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese. (Doutorado em Literatura Brasileira) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007. 422fl.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955. v.1.
- DE LUCA, Tania Regina A *Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1999. - (Prismas).
- LAJOLO, M. P. (org) . *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra adulta. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- LOBATO, J. B. M. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- _____. A poesia de Ricardo Gonçalves. In: *Revista do Brasil*, ano I, vol. III, setembro a dezembro de 1916. p. 298, 299.
- _____. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008.